

PROTAGONISTA DO DIA



José Presa
Presidente da ANESPO

Portugal, ao contrário dos países mais desenvolvidos da Europa e da OCDE, apresenta percentagens de alunos a frequentar cursos profissionais que nos envergonham. Sem recursos humanos qualificados, não há desenvolvimento económico e progresso social!

Famalicão e Aveiro são bons exemplos do êxito das escolas profissionais

Empregabilidade ronda os 90%. Associação quer que alunos no 9.º ano sejam mais bem orientados para dar resposta a tecido económico das suas regiões

Zulay Costa
locais@jn.pt

FORMAÇÃO A esmagadora maioria dos alunos que frequentam escolas profissionais têm emprego garantido. São quase 40 mil todos os anos e poderiam ser ainda mais, se fossem orientados para aquele tipo de ensino, como acontece noutros países europeus. Escolas como a CIOR em Famalicão e a EPA em Aveiro reconciliam alunos com a aprendizagem e dão aos jovens novas perspetivas.

A “empregabilidade [nas escolas profissionais] é muito elevada, o que não admira se atendermos à enorme falta de mão de obra em todos os setores de atividade”. Rondará “os 90%, um ano após o término dos cursos”, explica José Presa, presidente da Associação Nacional de Escolas Profissionais (ANESPO).

O responsável lamenta que não haja uma “efetiva política de informação e de orientação vocacional dirigida aos jovens e famílias que frequentam o 3.º Ciclo do Ensino Básico para que façam escolhas informadas e o mais acertadas possível”. “Muitos alunos vão para os chamados cursos gerais, mas nunca prosseguem estudos, o que é mau para os alunos, para as famílias e para a sociedade, pois vão engrossar as colunas dos desempregados e vão ser mal remunerados porque não têm competências profissionais”, acrescenta, sublinhando que, quando “há desacerto entre os centros de interesse vocacionais dos alunos e os cursos que frequentam, normalmente há insucesso e falta de realização pessoal”.

UNIÃO EUROPEIA APOSTA AINDA MAIS As ofertas formativas “procuram responder aos interesses do tecido económico e social e aos interesses manifestados pelos alunos”, sendo distintas ao

longo do território. No geral, diz José Presa, os cursos mais procurados são os que se integram nas áreas das “ciências informáticas, a hotelaria e restauração, a eletrónica e automação”, entre outros.

O presidente da ANESPO faz questão de apontar que, comparativamente com outros países da União Europeia, “estamos bastante mal e temos um longo caminho pela frente. As ofertas qualificantes estão muito abaixo da média europeia”.

Os números falam por si. “Em Portugal, a percentagem de cursos profissionais, na idade própria, ou seja, entre os 15 e os 18 anos, é de 34%”, quando a “média europeia que é de 55% e os países do Norte da Europa já andam nos 70%”. “O grande desafio do país é reduzir os cursos científico-humanísticos, que não conferem qualquer qualificação profissional, por cursos profissionais que certificam o 12.º ano e qualificação profissional de nível IV e são estes os cursos efetivamente procurados pelas empresas”, aponta José Presa.

QUASE 200 ESTABELECIMENTOS

A ANESPO representa 156 escolas sede, a que se somam mais meia centena de polos. Por ali passam cerca de 36 mil alunos em cursos profissionais, a que se juntam mais uns dois mil em cursos de educação e formação.

Nos últimos cinco anos, verificou-se uma “redução média de 2% de alunos/ano”, a que não será alheia a “redução da natalidade” em Portugal.

“As escolas profissionais, mesmo assim, têm mantido uma capacidade de atração muito significativa. Temos conseguido repor o número de turmas, o que significa que, face à redução da natalidade, estamos a aguentar bem”, adianta José Presa. ●



MARIA JOAQUINA / GLOBAL IMAGES

REPORTAGEM

“Eu sei porque estive lá e fiz. É muito bom”

Grande aproximação às empresas é o segredo da EPA, em Aveiro, que tem plano de inovação ajustado à realidade

por **Zulay Costa**
locais@jn.pt

Há exceções, mas, geralmente, quando os jovens procuram escolas profissionais, é porque são “problemáticos” ou buscam uma “especialização” que o ensino tradicional não tem. O resumo, sem subterfúgios, é de Jorge Castro, diretor da Escola Profissional de Avei-

ro (EPA), que luta para garantir um futuro aos cerca de 650 jovens que, anualmente, percorrem o estabelecimento naquela cidade e no polo de Sever do Vouga.

Para isso, a EPA tem um “plano de inovação que se ajusta à realidade e abrange toda a escola”, explica o diretor, revelando que o “segredo” do sucesso está na “metodologia, que prevê



SHELDON TAYLOR/GETTY IMAGES

grande aproximação às empresas”.

Quase 50% do curso é passado nas empresas (mais do que o terço que é o obrigatório). E os programas são delineados ouvindo os diversos “parceiros”, nomeadamente as cerca de “600 empresas” com as quais a escola tem relações, acrescenta João Tavares, diretor para a Educação e Formação.

MUITO APETECÍVEIS

O resultado é uma taxa de empregabilidade de 100% na Unidade de Tecnologias e de cerca de 80% nos outros cursos. “Somos muito apetecíveis porque garantimos empregabilidade ou ocupação no final do curso, sendo que cerca de 20% seguem para o Ensino Superior”, refere o coordenador técnico e pedagógico Paulo Quina.

É o caso de Beatriz Mota, 17 anos, aluna de Comunicação e Marketing, que quer seguir para a universidade. Para já, está rendida à possibilidade de contactar com empresas ao longo do curso e “não apenas estagiar no fim”. “Eu sei porque estive lá e fiz. É muito bom”, diz. Também Emanuelle Tonon, aluna de técnico auxiliar de farmácia, já passou pelo Hospital de Aveiro. Garante que “foi mágico”.

Recentemente, a EPA assinou um protocolo com o Instituto Lusófono de Educação Superior, no Brasil, para formação de jovens daquele país, numa ação que visa contribuir para minorar a falta de mão de obra em alguns setores em Portugal. ●

REPORTAGEM

“Somos uma família dentro da escola”

José Ferreira e Sofia Costa são duas das muitas histórias de sucesso de aprendizagem na CIOR, em Famalicão

POR **Zulcy Costa**
locais@jn.pt

José Ferreira era “mau aluno” e, quando chumbou, chegou a pensar que “não iria passar do 9.º ano”, mas mudou para a escola profissional CIOR, e logo no primeiro ano, foi o melhor da turma. “Não faltei um único dia, porque gostava do que estava a fazer”, conta o

jovem, agora com 18 anos e finalista do 12.º ano do curso de Produção Metalomecânica. Fala a partir de Espanha, onde está a realizar o estágio curricular numa empresa, no âmbito de uma mobilidade Erasmus+.

O jovem já teve várias ofertas de emprego, tanto em Espanha como em Portugal, e está ciente da elevada procura no mercado de

trabalho. A esmagadora maioria dos colegas de turma, afiança, vai começar a trabalhar assim que concluir o 12.º ano, mas ele planeia seguir para o Ensino Superior.

Foi também na CIOR que Sofia Costa, 19 anos, aprendeu a gostar da escola e começou a perspetivar um futuro diferente. Até lá, sentia muitas “dificuldades” na aprendizagem e, ao contrário de agora, quando frequenta o 11.º ano no curso de Mecatrónica Automóvel, não tinha perspetivas de seguir para a universidade. “Não gostava de estudar, mas quando entrei para a CIOR foi completamente diferente, comecei a querer aprender. Somos uma família lá dentro da escola”, diz.

EMPRESAS-ÂNCORA

Estas são duas histórias de sucesso da escola, que acolhe anualmente uma média de 400 alunos, vindos sobretudo de Famalicão, mas também de concelhos vizinhos, como Trofa, Póvoa do Varzim, Barcelos, Guimarães e Santo Tirso.

“A qualidade, a inovação e o empreendedorismo da formação ministrada têm-se traduzido nos bons resultados alcançados pelos alunos em termos de taxas de empregabilidade, que se situam em média no intervalo de 85-90%”, revela o diretor Amadeu Dinis. “A ligação com o tecido empresarial e o mercado do trabalho é forte e está consolidada com base no paradigma de “empresas-âncora”, em diferentes setores” ●

Comunidade científica apela à suspensão do parque eólico

Assembleia Municipal de Mirandela marca reunião para dia 11 destinada a analisar projeto de construção

Fernando Pires
locais@jn.pt

ENERGIA A Federação Internacional de Arte Rupestre (IFRAO) e o Departamento de Ciências e Técnicos do Património (DCTP) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto enviam cartas ao presidente da Assembleia Municipal de Mirandela (AMM) a apelar à suspensão da instalação dos seis aerogeradores. Ambas as missivas são reação às notícias de que parte da área da serra, nos concelhos de Mirandela e Valpaços, está em processo de classificação como Sítio de Interesse Público, o que pode colocar em risco a instalação de um parque eólico, cujos trabalhos estavam previstos começar em breve.

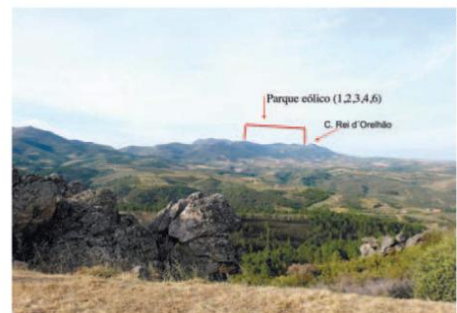
Na carta assinada pelo italiano Angelo Fossati, o presidente da IFRAO começa por dizer que os achados arqueológicos na área de classificação estão sinalizados como “arte rupestre reconhecida internacionalmente”. Mais à frente, afirma mesmo que se trata de uma verdadeira “montanha sagrada”, sendo uma das zonas arqueológicas “mais importantes da Península Ibérica, da Europa e do Mundo”.

O responsável não tem dúvidas de que a instalação de “um conjunto de ventoinhas” iria “alterar de forma considerável a paisagem, desfigurar a zona e pouco contribuir para a sua promoção”. Perante estes argumentos, apela ao presidente da AMM, Francisco Esteves, para que o projeto de parque eólico “seja realocado para outra área menos sensível ou mesmo substituído por alternativas ecológica-mente válidas”.

SUSPENSÃO POR DOIS ANOS

Já o presidente do DCTP da Universidade do Porto apela à suspensão da construção do parque eólico, “por um período de dois anos”, de modo a que possa proceder-se “à atualização dos dados arqueológicos”, uma vez que os que serviram de base ao estudo de impacto ambiental, entre 2012 e 2014, “foram já amplamente alargados pelas pesquisas dos últimos anos”, escreve Manuel Joaquim da Rocha.

As cartas dirigidas a Francisco Esteves já tiveram resultados práticos, uma vez que, na última reunião da comissão permanente daquele órgão, foi decidido agendar uma reunião extraordinária para dia 11 de novembro. ●



Classificação pode pôr em causa seis aerogeradores